

DIRECTORES E PROPRIETARIOS

Lyster Franco e
João Pedro de Sousa

ADMINISTRADOR,

João Pedro de Sousa

EDITOR,

Lyster Franco

PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABADOS

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO,
Tipografia do Heraldo

RUA 1.º de Dezembro

FARO

400

ASSINATURAS

25 numeros. 50 centavos

COMUNICADOS E ANÚNCIOS

Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª

e 2.ª pagina contrato especial.

NÓSE A HESPAHNA

A DURA LIÇÃO DOS FACTOS

Reconhece-se que das exageradas reclamações do governo do sr. Romanones, nas negociações para o tratado de commercio com Portugal, saiu principalmente ferida a economia do paiz vizinho

Conhecem o Atala de Chateaubriand... A mór parte das paginas desse famoso monumento da literatura franceza são occupadas pela narrativa fantastica das aventuras do velho Chactas, «o patriarca e o amor dos desertos». Chactas, sentado na sua piroga, conta a René, á claridade da lua, como beijou pela vez primeira os labios delicados da sua bem amada. Depois descreve o passeio que deu nesse dia com Atala, ao pôr do sol, pelo deserto calmo e soberbo, e, ao recordar o prazer que lhe offerecia, então, o seu amor inextinguível, profere com amargura esta frase primorosa: *Como são incompreensíveis os mortaes agitados pelas paixões!*

Refulge nesta exclamação entristecida uma verdade impetuosa e bravia. E se analisarmos os acontecimentos politicos de certos paizes quasi adquirimos a convicção de que o recrutamento dos estadistas é feito por um ente sobrenatural e extravagante. Ha quem suponha que os detentores da administração publica são, na sua totalidade, creaturas ponderadas, cautelosas, inteligentes, que raciocinam de vagar para resolverem com acerto. Desgraçadamente para a humanidade são numerosos os estadistas satirizados que se deixam apaixonar pela politica indecifrável e nigromantica. E quasi sempre é o povo ignorante e simplório quem sofre as consequências das sobreexcitações espirituas dos magnates...

Contaram-nos um exemplo frizante que vamos oferecer aos leitores. No ano de... um dos povos da raça latina, perseguido pela desventura, transformou as suas instituições fundameataes. O tesouro publico tinha sido saqueado por um grupo colossal de bandidos de maneiras distintas e palavreado sedutor. A immoralidade apparecia, nos logares mais reconditos, venerada fanaticamente por uma casta de espertalhões sublimados. E a plebe miseravel, farta de sofrer, resolveu formar uma especie de onda sobranceira e indomavel e fez subverter, num instante, todos os seus carrascos. Nesse dia glorioso ella começou gosando sofredamente a felicidade sonhada durante largos anos.

Sucedeu, porem, que numa nação vizinha certos estadistas pensaram, injustificadamente, que esse logico e natural acontecimento podia beliscar a robustez do regimen politico que eles patrocinavam. E vae d'ahi, exaltados, sempre que tinham occasião de inocular, no organismo do tal povo transformado, um principio virulento, pulavam de contentes. O diabo é que, ás vezes, por inabilidade cirurgica, deixavam resvalar a lanceta e eram os seus compatriotas quem sofriam os previstos resultados da inoculação criminosa. Soltavam, então, queixumes prolongados, pediam socorro com insistencia e conheciam, praticamente, como são perigosas

as paixões que agitam certos mortaes...

Em Hespanha deu-se agora um acontecimento semelhante. Diversos politicos monarchicos teceram habilidosamente uma teia de difficuldades á aprovação do tratado de commercio com o nosso paiz. Porquê? Porque supõem que, creando embaracos á Republica Portuguesa, fortalecem e vivificam a monarchia hespanhola. Ora o procedimento desses homens publicos, que eles pretendem justificar com argumentos invertebrados, é fundamentalmente contrario ás modernas teorias de economia politica. E os jornalistas que, á custa duma desesperada ginastica intelectual, escrevinharam os famosos artigos de protesto contra as *exigencias portuguezas*, ver-se-iam em palpos de aranha, se, á boa paz, com a maior delicadeza, nós lhes pedissemos, neste momento, a continuação da sua campanha irrefletida e fantasista.

Responder-nos-iam, sem duvida, com o silencio prolongado. Eles não desconhecem, agora, que o acintoso combate que fizeram á aprovação do tratado de commercio com Portugal prejudicou principalmente a Hespanha. E não desconhecem porque, em varios pontos deste paiz de sonhadores e utopistas, se tem realizado manifestações favoraveis á preparação immediata duma *entente* comercial hispano-portugueza. O regimen pautal que vigora presentemente para as nossas mercadorias produziu, é claro, o agravamento dos seus preços de venda. E como essas mercadorias são destinadas, na sua mór parte, á alimentação publica, é admissivel supôr que a carestia mencionada e imprevista não motivou um còro de aplausos estridentes...

Desde 14 do mez corrente—vá lá um exemplo—os direitos de importação de peixe fresco passaram a ser de 25 pesetas por 100 quilos e os de sardinhas prensadas foram fixados em 12 pesetas tambem por 100 quilos. Quer dizer, a sardinha *elaborada* paga nas alfandegas hespanholas uma taxa inferior áquella a que está sujeita a sardinha que não ocasiona a mais leve despesa de preparação. Este caso anormal e exquisito obrigou o Circulo Mercantil de Ayamonte a telegrafar ao chefe do governo hespanhol, ao ministro da fazenda e ao director geral das alfandegas, solicitando a abolição, pura e simples, dos direitos de importação que incidem sobre a sardinha fresca e tambem sobre a que é salgada ligeiramente para não se deteriorar.

Nesses telegramas, redigidos com grande clareza, a importante coletividade declarou que, a ser mantido o actual estado de coisas, as fabricas de conservas daquella região ficariam arruinadas e os poderes publicos terão de solucionar graves conflitos operarios determinados pela falta de trabalho. Recorrendo que o governo não ligasse a merecida atenção ao pedido for-

mulado telegraficamente, o Circulo Mercantil de Ayamonte enviou a Madrid alguns delegados, que justificaram amplamente, citando factos e apresentando documentos, todas as suas afirmativas. E os ministros hespanhoes, boquiabertos, estupefactos, obtiveram mais uma prova convincente de que, nas negociações do tratado de commercio, os representantes de Portugal não fizeram *exigencias intoleraveis*.

Os conserveiros de Isla Cristina, onde ha bastantes cercos, desejam, pelo contrario, a manutenção dos referidos direitos pautaes. Julgam eles que os pescadores portuguezes serão forçados, assim, a deitar ao mar grandes porções de peixe, por falta de consumidores. Enganam-se, é claro. Existem dois processos infalíveis de evitar os danos pretendidos: fazer diminuir a pesca em quantidade ou aumentar, em Portugal, o numero das fabricas de conserva. Se nos concedessem a facilidade da escolha, adotariamos o segundo processo, que é radical. A nossa preferéncia justifica-se com a declaração que fazemos de que muitos industriaes de Ayamonte estão resolvidos a transferir as suas fabricas para o Algarve. E essa resolução não tem nada de estranha, sabendo-se que naquele ponto só estão montadas 4 armações de redes, que colhem diariamente uma insignificante porção de peixe.

Resalvados, pela maneira que indicamos, os interesses portuguezes na questão da pesca, temos o dever de solicitar do governo hespanhol a continuação do regimen pautal que ele concedeu provisoriamente aos nossos productos. Com a maior lealdade avisamos os politicos e os jornalistas que em Hespanha contrariaram a aprovação do tratado de commercio com Portugal de que a sua attitude só prejudicaria o seu paiz. Os factos encaregam-se rapidamente de provar que não faltamos á verdade. E agora certos industriaes, certos politicos e certos jornalistas, afeiçoados ao calculo de probabilidades, já estão cismando em que é possível conseguir uma perfeita cordealidade de relações commerciaes...

Bem dizia o velho Chactas: *Como são incompreensíveis os mortaes agitados pelas paixões!*

Vitor Falcão.

NOTAS E COMENTARIOS

Esclarecendo

No Heraldo n.º 146, de 13 de setembro, escrevemos:

«FERRADOURAS NO AR. — Ha para ahi um celebre animalzinho, aparentemente boa pessoa, que, em se lhe dando uma simples beliscadna na sua balofa envergadura politica, logo sobe a esgrimir com as pernas traizeiras.

Não ha improprio que não invente para o ataque, mas, chamado á responsabilidade, o covardão acolta-se sob o manto comodo da literatura de bordel, redigida de modo abstrato, em ar de filosofia applicada.

Sempre caluniador, senipre fargante e covarde!

Os nossos leitores conhecem de sobra o tarrufo que, não sabendo escrever, se dedica ao insulto e á calunia, e destas duas armas faz uso, com a mesma facilidade com que brandem o punhal os salteadores que nos aguardam, pela meia noite, nas voltas dos caminhos.

Tendó-nos caluniado uma vez, essa misera creatura fugiu á responsabilidade, dizendo que *tinha escrito em ar de facécia*. Caluniando-nos outra vez, o covarde fugiu ainda, de cara estanhada, dizendo que *não era a nós que ele se dirigia*. No

entanto, insinuava que colheria elementos para nos reduzir á maior degradação possível.

Depois de tantos mezes decorridos, o miseravel, que não conseguiu á mais insignificante prova em prejuizo da nossa moralidade, continua a bolsar calunias sobre nós.

O gatuno chama-nos escroque. Folheou certamente o dicionario e, tendo encontrado alguns termos insultuosos, escolheu este, por lhe parecer dos mais expressivos, sem talvez lhe comprehender bem o significado e sem escrúpulos de difamar e caluniar quem é mais digno do que ele jámais o hade ser.

Quanto ao assalto das heranças, o garoto, que certamente deseja aludir á fortuna de nossa esposa, bem sabe que a tal respeito fomos de toda a correção e da mais louvavel nobreza de caracter, porque tendo o maximo direito e a maior facilidade em fazer exigencias, pelas circunstancias que se tinham verificado, fomos nós proprios quem estabelecemos condições, aliás honrosas, que poderiam unicamente prejudicar-nos. Podiamos ter exigido uma escritura ante-nupcial de dote, mas em vez dela, impozemos que se fizesse uma escritura de separação de bens, como realmente se fez.

O garoto bem sabe tudo isto, mas naancia de fomentar o nosso descredito, levanta-nos as maiores calunias, sem se lembrar de que a lama cae sobre si proprio.

Em attenção aos nossos leitores, só temos a dizer que nos repugna sobremaneira sustentar no Heraldo questões pessoais. Nunca as levantamos, e isto nos satisfaz, porque á vida particular de cada um, só recorrem os jornalistas que não presam o seu nome e a sua dignidade, e aqueles que, fazendo-se politicos e não tendo capacidade intelectual para vencer politicamente os adversarios, entregam o cerebro e a pena ao serviço da vileza e da calunia mais repugnantes.

E agora tem a palavra o sr. Silvestre Falcão.

Branco é... galinha o põe

A Verdade, o tal canudinho que se publica por obra e graça dos divinos marcos da Fuzeta, Luz de Tavira e Moncarapacho, traz de quando em vez uns concursos de primeirissima ordem. Agora estabeleceu um premio de não sabemos quantas indulgencias plenarias a quem, dentro de quinze dias, for capaz de dizer *quaes foram os primeiros seres que deus criou*.

Ora quaes haviam de ser!? Pois alguem poderá ignorar que foram os berbigões, as rapozas, os lagartos, os padres e... assim sucessivamente?!

Tambem a folha de couve deseja saber quem foi o descobridor do Brazil.

Ora cebo! Com que então duvida-se de que foi o bispo de Beja?!

Cousas celebres

Um dente de Newton foi comprado, em 1816, por Lord Schwatburry, pela quantia de 730 libras esterlinas. Este fidalgo mandou engastar o dente num anel.

A cabeleira de Sterne, num leilão em Londres, em 1822, subiu a 200 guinéus. O fató completo, que levava Carlos XII na batalha de Poltava, vendeu-se em 1825, em Edimburgo, por 22.000 libras esterlinas.

Um casaco de João Jacques Rousseau, foi arrematado por 966 francos, e o seu relógio de cobre por 500 francos.

Mas por outro lado, o craneo de Descartes, posto em leilão em 1829, em Stockolmo (pertencente á biblioteca do doutor Sparman) não passou de 100 francos.

Por 21 francos, vendeu-se em Noimgham, um anel do cabelo de Napoleão I.

Resta saber quanto renderá a espada do sr. Machado dos Santos, quando sua ex.ª se resolver a pô-la no prego.

CANÇONEIRO DO POVO

Um dia, á beira dum lago

Por acaso fui parar:

Vi no fundo a tua imagem,

Quiz-me deixar a afogar.

Coimbra tem tres penedos,

E' um da Meditação,

O segundo da Saudade,

Terceiro o teu coração.

Anda cá se quizeres ver

Uma cruel despedida:

Dois amantes que se apartam

Um sem alma, outro sem vida.

DEMOLINDO

A INQUISIÇÃO

A Inquisição, ardentemente desejada e pedida por D. João III ao papa, estava fundada; e se a criação do tribunal era o unico meio de conter e moralisar os furrores fanaticos da turba, e de evitar o sistema de massacres e pilhagens do reinado anterior, é fóra de duvida que os nervos da nação, já flácidos e podres, não podiam usar dum modo relativamente justo, a arma terrivel que lhes era confiada.

Os desejos do rei e dos seus acolitos eram sinceros e desinteressados; mas o estado moral das classes directoras era tal, que a instituição appareceu podre, desde todo o principio. Nem a tortura, nem as fogueiras, propriamente, a condemnaram; porque esses processos eram comuns ao direito penal contemporaneo. Condena-a, porem, o uso que fazia dos meios perfidos, atacando frente a frente a humanidade, a familia, o carater, a virtude: triturando todo o homem no que ha de nobre no espirito, em nome duma razão de Estado transcendente. A inquisição era uma policia, com autoridade de tribunal; e se já nos repugnam os meios imoraes da policia, o que será quando esses meios são um poder, não um instrumento? quando servem para condenar, e não para elucidar e preparar apenas, dum modo indireto e meramente previo, o juizo do tribunal?

Tal era o vicio organico da Inquisição; e não só da nossa, como de todas essas instituições nascidas do espirito mistico, que á maneira do cesarismo do Estado, sacrificavam as garantias do individuo, quebrando todas as molas moraes que levantam o homem na sociedade. E' este vicio organico, inerente ao proprio principio, provinham logo as funestas consequências: a ferocidade cruel e a devassidão natural dos cesarismos e dos misticismos.

Ponha-se, agora, nas mãos duma sociedade corrompida até a medula, a arma terrivel dum poder absoluto e irresponsavel em si, e sem limites moraes nem legais nos seus meios, e conceber-se-á como a Inquisição portugueza; nascida do seio das torpes negociações de tantos anos, appareceu logo á nescença podre, qual miasma duma lagoa infeta.

Os seus processos infringiam todas as regras elementares da justiça e do bom-senso. Os delatores serviam de testemunhas; os filhos depunham contra os paes, os paes contra os filhos, o réu não podia comunicar com os defensores, nem conhecê-los quem o accusava; a delação era aplaudida e a espionagem considerada uma virtude.

Os familiares insinuavam-se, como medicos, confesores, intimos e conselheiros, nas familias, para lhes captarem os segredos e os delatarem. Da sentença não havia revisão nem apelação. Nas prisões não havia prazos preventivos, e o encarcerado jazia mezes, anos, todo o resto da vida, muitas vezes, ignorante do crime de que o accusavam.

Armavam-lhe laços e perfidias para o perder. Metiam-lhe no carcere pessoas subornadas, que se diziam tambem pacientes; que o afagavam e se condoiam da sua miséria; ganha assim a confiança, começavam as confidencias: a Inquisição era um horror, uma peste! E se o miseravel, perdido, aplaudia, estava condemnado. Para lhe obter a confissão de falhas imaginarias, frequentemente os inquisidores fingiam entenececer-se, prometiam perdões, ajudavam, seduziam, até que o miseravel confessasse o que fizera ou não fizera.

Essa especie de tortura era muitas vezes mais dolorosa do que a outra; e os infelizes encarcerados chegavam a considerar um céu o carcere negro, onde lhes não era dado nem ver, nem falar, nem gemer, nem chorar, sob pena da chibata do verdugo. No seio da treva e do silencio absoluto, nem bem sabiam se viviam ou tinham morrido; e como idiotas deixavam-se ficar estendidos no chão, imoveis, no anito dos seus sepulcros.

Cada vez que a porta do carcere se abria, estremeciam de medo, ou duma esperança meio apagada. Levavam-nos amarrados á casa dos tormentos, e enquanto iam descendo as escadas tortuosas, onde os gritos se perdiam abafados, o juizo ardia-lhes, confundiam-se lhes as ideias, já não distinguiam do real o supposto; começavam a crer-se monstros, a acreditar em tudo aquilo de que eram acusados: tinham visto o diabo em pes-

soa, tinham-lhe vendido a alma, tinham partido com um machado um crucifixo, etc. O inquisidor, frio e funebre, sentado ao fundo da casa de aboboda, mal alumina por tochas presas em anéis de ferro às paredes, acreditaria no diabo e nos seus aparecimentos? Porque não? Um doido torturava um idiota; e no fundo escuro duma cripta, a loucura dos homens tinha os seus agapês terríveis.

Demónios pareciam os verdugos, mudos e mascarados, com o capuz e samarra de holandilha preta, onde havia os buracos dos olhos e da boca, movendo-se como automatons a preparar os instrumentos da tortura; e de toda aquela gente nem talvez o medico, a um lado, a observar que a vida dos pacientes se não apagasse de todo, tivesse o juizo são.

Desde que os homens se tinham considerado senhores da verdade absoluta, a palavra de Deus enlôquecia-os, e fariá deles monstros. Nessa lugubres tragedias morria por vezes o miseravel, na tortura ou no carcere; e então era enterrado nas covas do palacio, senda primeiro o cadaver desossado, religiosamente, para que os ossos podessem figurar no Auto-de-fé proximo, queimados na fogueira.

O primeiro desses dramas tenebrosos e burlescos teve lugar em Lisboa no dia 20 de setembro de 1540: ainda a Inquisição não estava definitivamente confirmada pelo papa.

Oliveira Martins.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

O bello e os seus prejuizos

E' do sr. dr. Antonio Francisco de Sousa, sub-delegado de saude em Tavira e irmão do nosso diretor, o artigo de fundo do nosso numero transato, que por descuido não veio assinado.

Tem sido muito apreciado pela doutrina que encerra e pela cultura que evidencia. Pedimos aos nossos leitores que uma vez mais o leiam e sobre ele meditem, que nada perderão com isso.

Ministerio da Terra

Diz-se que, para melhorar a sorte das populações rurais, a Inglaterra vai crear um ministerio que tenha esta designação. O seu fim consistirá em aplanar as dificuldades que os proprietarios das terras possam ter em questões de melhoramentos, fazendo portanto com que se dê um certo amanho e cultivo às terras incultas ou estereis e se desenvolva, por meio de capiaes do Estado, a industria agricola. O Ministerio da Terra propõe-se ainda comprar todas as terras despresadas pelos seus proprietarios, mandando proceder aos trabalhos indispensaveis para as tornar uteis. Favorece também os rendeiros, para cujo fim estudará e fixará as necessidades de cada região, empregando o dinheiro do fundo de reserva nacional de seguros na construção de casas confortaveis, dispersas pelos campos, onde os mesmos rendeiros possam ter uma vida confortavel. Protege-os também na questão das rendas, afim de não serem explorados pelos senhores.

Este ministerio exercerá a sua autoridade por intermedio de commissarios revestidos de poderes judiciais.

Foi o ministro Lloyd George, apostolo das maiores reformas sociais, quem levantou esta campanha, que tende a refundir inteiramente a legislação agraria e predial do seu paiz.

A conspiração

Não ha duvida de que os ultimos acontecimentos de Lisboa serviram para comprometer certas individualidades que nenhuma razão tinham de conspirar e, alem disso, para fazer ver que a Republica tem do seu lado o exercito e o povo.

Esses acontecimentos ramificaram-se por diversos pontos do paiz, mas em todos eles os bandoleiros da monarchia tiveram a mesma sorte.

O que parece incrível é que, para defender uma causa tão repugnante, ainda haja quem se preste a representar comédias desta ordem!

O sr. Silvestre Falcão

A parva da Provincia do Algarve dá por paus e por pedras e investe contra nós, pelo facto de termos neste jornal criticado uma vez por outra o inconfundível dr. Silvestre Falcão. Claro está que a Provincia, neste caso, é o proprio dr. Silvestre Falcão, o tal que, por escarneo das gentes, já foi ministro do interior. Mas fiquem os nossos presados leitores sabendo uma coisa: em resposta ás referencias e allusões que nós lhe fazemos, de carácter puramente politico, responde ele com torpezas atinentes á nossa vida particular, levantando-nos essas vis calúnias com que se manifesta um cerebro doentio e podre.

Estranha a Provincia que ponhamos em destaque a vida publica do seu diretor, e estranha-o porque lhe dizemos as verdades. Não gosta, porque lhe dói. Mas quem tem a culpa do dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, a esse prestigioso politico e homem de bem, que, apesar de se ver constantemente focado na mesma "Provincia", jamais "desceu" a proferir baixezas, na ancia de que o desfoquem?

E' que o dr. José Francisco Teixeira de Azevedo tem educação. O homem publico, sempre que não é imbecil e trai-

goeiro, compreende a sua situação e nela sabe sustentar-se. E' ferido? Procura defender-se, mas sem se desviar um ápice das normas corretas da boa cortezia.

Querera a Provincia que nós, como jornalistas, não apreciemos as qualidades politicas de quem quer que seja? Pois tenha paciencia.

Quem assim o não quizer, facilmente o conseguirá: deixe-se de ser dentista de feira e meta-se em casa.

O divórcio

Atualmente, na Noruega só se fala em divórcio. O projeto que está em discussão nas camaras daquele paiz poz a questão em moda.

Chovem dios e anedotas. Emitem-se opiniões e pareceres.

Um dos mais importantes jornaes noruegueses lembrou-se até de citar como exemplo a maneira por que se divorciavam em França. No tempo do Directorio, todos aqueles que não estavam dispostos a aturarem-se mutuamente, é a proposito reproduz uma carta que uma senhora daquele tempo dirigiu a uma sua amiga, relatando-lhe as formalidades da separação.

A carta é de Madame Julia Talma, mulher do celebre tragico.

E-la:

«Ele e eu fomos juntos a mairie na mesma carruagem.

Pelo caminho falamos de coisas indifferentes, como se se tratasse dum passeio ao campo; meu marido ajudou-me a descer da carruagem; sentamo-nos um ao lado do outro e assumamos um papel como se fosse um contrato qualquer que tivéssemos ido fazer para ali.

—Espero, disse-lhe eu, que me não privará completamente da sua companhia, pois isso seria muito cruel. De quando em quando virá fazer-me uma visita, não é assim?

—Decerto, respondeu ele um pouco perturbado, irei sempre com muito prazer.

Eu estava pálida e muito comovida, apesar dos esforços que fazia para me conter.

A verdade

Já se encontra em Tavira o nosso estimado amigo sr. Manuel Martins de Sousa Caraca, mui digno escrivão de direito daquela comarca.

Contra o que se tem propalado, com fins depreciativos, não foi só agora levantada áquele nosso amigo a suspensão em que incorreu, ou o fizeram incorrer, pela futil circunstancia, que muita gente boa comete e não é deshonrosa, de não ter pago, no tempo competente, os seus direitos de mercê.

A suspensão foi-lhe levantada ainda em tempo do falecido juiz dr. Moutinho, visto que desde abril se acham pagos e liquidados os referidos direitos de mercê.

O nosso amigo apresentou-se agora depois de gosar 60 dias licença, insertos no Diario do Governo de 16 de agosto.

Tudo, pois, quanto se pretendia insinuar em desabono do nosso amigo, só serve para patentear os ruins sentimentos de quem o não conta no numero dos seus amigos dedicados.

SONHANDO

(a X)

No horizonte, a linda celagem
Parece interpretar em lindo alvôr
O ideal mais puro e redentor
Que possa aurilhamar esta miragem.

A seguir uma rapida visagem
Muda—celeste quadro, encantador,
Como se uma voraz, doninha uragem
Subito dissipasse a bela côr!

E isto porque vivendo em desesperança,
Meu pobre ser se julga magoado
Com a certeza atroz desta lembrança.

Esquecer, eu não posso, consternado,
Um amor casto e puro de creança...
Amor saudoso!... Amor idolatrado!...

Silves—1913.

José M. Deus.

A graça alheia

INFLUENCIA DA COR

Um medico foi chamado para ver um homem que estava muito mal.

—Minha senhora, disse ele á mulher do doente, o seu marido está perdido! já tem as mãos roxas.

—Mas olhe que o meu marido é tintureiro.

—Também é o que lhe vale, porque se não fosse tintureiro, era um homem morto.

DELLICAZZA

Uma senhora, a casa de quem iam muitos homens e nenhuma senhora, convidou uma vez Alexandre Dumas a passar a noite em casa dela e que não faltasse em levar a filha consigo.

Por volta das dez horas apresentou-se Dumas sosinho, sem levar a filha.

—Ora, por que não trouxe á menina? perguntou a dona da casa. Gostamos tanto dela, sempre é ser muito máo. Então porque é que não veio?

—Por duas razões, minha senhora, respondeu Dumas. A segunda é porque está muito constipada.

CONTOS E NOVELAS

UM CAPRICHIO DO DESTINO



AO havia defeitos que a viuva do engenheiro não tivesse. Passava todos os dias á porta do chafiz onde eu vivia, nas Caldas de Carvão, para descer a encosta e ir sentar-se no *Peinado da Saudade*, lá em baixo, á entrada da ponte. Era feia, horrenda, detestável, o diabo da mulher. Os olhos, cinzentos e estrábicos, saltavam-lhe das orbitas; o nariz aquilino e pontagudo, parecia uma esfinge; a boca, meio desdentada e de labios carnudos, era um foco de podridão e de tolices. Não tinha sobrancelhas nem pestanas, o pescoço era esguio e o corpo desajeitado, com feitiços de garça.

Os frequentadores das Caldas chamavam-lhe por ironia a *Flor dos Banhos*. Era imensamente desfrutável e servia por isso de distração e entretenimento aos que passavam algumas horas junto dela.

Um dia, appareceu nas Caldas um seminarista qualquer, onde se tinha aberto um concurso de beleza, a respeito das mulheres de Portugal. Tanto bastou para que os trocistas da viuva tivessem um belo ensejo de se divertir, á custa da sua ingenua vaidade. Logo entre todos os habitantes das Caldas, correu a noticia de que a viuva ia ser apresentada no concurso, tendo fortes probabilidades de ser eleita *rainha da beleza*.

Com effeito, no jornal da semana immediata, causava já verdadeiro successo o apparecimento do nome da viuva, entre os nomes que representavam as mulheres mais lindas do nosso paiz.

A viuva, ao ter conhecimento desta noticia, para ella tão agradável, arrancou do peito um fundo suspiro de íntima satisfação, e o caso é que, sendo vaidosa, mais vaidosa e desfrutável se tornou. Era velha, sempre caída de pó de arroz e humedecida com essencias de leno e heliotropio, a roçar vestidos de seda pelos caminhos fragorosos das Caldas! Era velha, risonha mas cerimoniosa, a correjar todos aqueles que, por distração, a cumprimentavam.

Rainha da beleza! Que deliciosos sonhos que a viuva sonhava, e como se lhe reflectia nos olhos a anciedade que ella tinha de saber quem era a mais votada nesse extraordinario concurso!

Os rapazes das Caldas, claro está que deram o seu voto á *Flor dos Banhos*. Alguns, sendo estudantes em ferias, dos lagos de Murça, Alijó e Mirandela, tiveram a genial ideia de transmitir a varios dos seus condiscipulos a resolução da grande partiida que queriam pregar ao estalfermo da velha, e o mais curioso é que, solicitando-lhes votos para engrossar o numero dos que já tinham em favor dela, esses votos começaram a cair de todos os lados sobre o jornal.

A viuva, ao conhecer os elogios referentes á sua peregrina beleza, sentia-se crescer; e cada dia que passava tinha-o ella como pretexto de mudar de *toilette* e de meneios, fazendo-se cada vez mais altiva e menos tratavel.

Havia, porém, um certo grupo de rapazes a quem ella, apesar de tudo, não era capaz de desconsiderar, porque eram esses justamente os que lhe davam toda a importancia e todo o entusiasmo de se ver distinguida entre as mulheres mais belas de Portugal.

Nos bailes, que também nas Caldas, entre as serranias, se dançava uma vez por outra, a viuva apresentava-se sempre com traços de ricas sedas, coberta de joias, colorido visível e arfante de prazer, abraços nus, cabelo empoado, olhos com artificios de plumbagina e as maçãs do rosto a ressaltarem com um delicioso colorido de carmin sobre o fundo branco de pó de Nice, que lhe cobria as faces. Sentava-se num lugar de destaque, para admirar com sobranceira a mesquinhez banal das outras mulheres que concorriam aos bailes e que sem arte e sem espirito se precipitavam toscamente no remoinho das valsas. Sorria de vez em quando, nas occasiões em que, por um simples sorriso, queria exprimir a sua majestosa superioridade, perante a rudeza daquele meio em que vivia.

Evidentemente, não tinha nascido para conviver daquela maneira, entre creaturas de lhanza trivial, sem recursos para suportar o goso de grandes aventuras e sem a distincção a que ella se tinha habituado, na convivencia das praias, nesses grandes e luxuosos bailes dos casinos, entre luzes, essencias e pedrarias, que, juntamente com a disposição artistica de preciosas colgaduras de Damasco, o brilho indiscreto dos espelhos, a linguagem atraente dos namorados, os segredos escandalosos dos amantes e a doce harmonia das orquestras, occasionavam as maiores distrações e a vida mais venturosa que podia viver-se.

E de tudo agora se lembrava! Nessas faustosas reuniões, havia mulheres surpreendentes de beleza e fartas de dinheiro, mulheres que sabiam conversar e conheciam a vida do amor.

De tudo se lembrava e sentia-se feliz

por compreender que fôra ella quem mais se salientara nesses faustos e nessas belezas.

Mas tudo tinha passado e cria bem que os belos tempos das suas 20 primaveras nunca mais voltavam. Com 55 annos, poucas esperanças ella teria de regressar ao convívio desses grandiosos bailes.

E agora, nas Caldas, quasi a um canto da sala em que elle costumava dançar-se, apenas uma coisa a consolava, no meio das saudosas recordações que feriam o seu espirito: era a ideia de ser a mulher mais bella do nosso paiz!

Um certo dia, appareceu nas Caldas a familia dum ricoalhaco de Santa Eulalia. Entre essa familia, destacava-se, pelo seu aspecto rijo de fidalgo, um rapaz que tinha concluido nesse anno o curso de direito. Pois não tardou que o novel doutor conhecesse a viuva, por esta lhe ter despertado a attenção com os modos insipientes do seu porte de mulher distinta, coberta de sedas e brocados. Por sua vez, o doutor mereceu á viuva a especial deferencia de o considerar um homem digno da sociedade elegante, senhor de valiosos predicaos, um dos quaes se manifestava no expressivo carinho com que falava dos seus antepassados e no estranho orgulho com que ostentava os braços do velho comendador seu paé.

A rapaziada, que até ali entretivera seus ocios a desfrutar o diabo da velha, começava agora a incluir nesse desfruto o impagavel doutor de leis.

A *Flor dos Banhos* não saia de roda do fidalgo, nem este se sentia bem nos logares onde faltava a gentil menina de 55 annos. Todas as manhãs iam os dois passear pelas margens do rio, e, sentados algures, neste ou naquella macissa de relva, sob a ramaria das arvores, elle, que era entendido em questões de fidalguia, falava-lhe de braços e pergaminhos, e ella, que nutria um culto fervoroso pela ciencia do luxo e da beleza, amava o estudo das genealogias, mas o que lhe dava maior prazer, não obstante a madureza dos seus largos annos, era a ideia extraordinaria dos luxos orientaes, em que desejaria viver com todo o seu garbo de mulher bonita.

Das conversas frequentes que os dois travaram, resultou para ambos elles uma forte inclinação amorosa, que parecia incrivel, se não houvesse a tal respeito as provas mais terminantes.

Ao declinar duma tarde de julho, quando o sol, esbatidamente dourado, espalhava a sua luz mortifica por sobre os pinheiros dos montes e os passaros cruzavam o ar, em procura dos seus ninhos, estavam os dois sentados junto ao aguade da azenha e corria a seus pés, descuidada e rumorosa, a agua do rio. Andava em torno deles um par gracioso de borboretas, correndo uma atraz da outra, á semelhança de dois entes que se perseguem por motivos de coração. Ali perto, sobre a relva atapetada de malmequeres e botões de ouro, soltava um grilo os mais festivos cantares, e em cima dum salgueiro, debaixo de cujas franças elles se tinham sentados, ouvia-se uma alegre cigarra.

Acentuaram-se cada vez mais as horas do crepusculo, os montes projetaram sobre as Caldas a negridão pronunciada das suas sombras, a natureza ia calar-se para adormecer no silencio da noite e, de mistura com o leve ruido das aguas marulhosas, perderam-se então, na tranquillidade do espaço, o murmuro quente das primeiras confissões de amor que os dois fizeram e o som quasi imperceptivel dum beijo casto, que selava esses amores.

Em agosto, no dia seguinte áquele em que, por escarneo das gentes, a viuva era eleita *rainha da beleza*, entre as mulheres de Portugal, abriam-se de par em par as grandes portas da igreja de Santa Eulalia, e a *Flor dos Banhos* e o novel doutor de leis efetuavam o seu casamento.

Faro.

João Pedro de Sousa.

POETAS

MATER GLORIOSA

No berço repousava a creancinha
Em sereno dormir, nos rosos labios
Um sorriso do céu desabrochava,
E, ouvindo attenta o respirar tranqullo,
No toiro anjinho, que dormia, os olhos
Reluzentes de amor a mãe fitava.

Era formosa assim mirando o filho,
Inclinada sobre elle, radiante
Do santo amor de mãe!
E contemplava o anjo adormecido,
E, vendo-o a sorrir nos aureos sonhos,
Sorria ella também.

Abre mansinho a porta e entra o paé,
Os olhos fita no formoso quadro
E sente trasbordar-lhe o coração:
Ao berço se dirige, a esposa abraça
E quer beijar o filho, porém ella,
Erguendo os olhos para elle diz-lhe:
Não o acordes, não!

Manuel de Figueiredo.

O HERALDO, bi-semanario republicano democratico, é o jornal mais estimado do povo e o de maior circulação em toda a provincia do Algarve.

VARIÉDADES

JUIZO, RAZÃO, TATO, BOM SENSO.—Qualidades raras que todo o mundo julga ter forçosamente, visto que para sabermos que as não temos... precisaríamos primeiro tel-as.

LAGRIMAS—O sangue da alma.

LENÇO—Um quadradinho da cambrá ornado duma marca que só se descobre na quarta ponta.

NAL CREADAS—As creanças dos visinhos.

MUDA—Uma tofeliz, forçada ao mesmo tempo a calar-se e a pensar.

MURMURIOS—Queixas que não teem a coragem da sua opinião.

NOIVO—Um celibatario, que tem uma ideia fixa: Bailes na camisa.

OURANGOTANGO—Candidato a homem.

PARRICIDA—Um orfão que rara vez sobre-vive á sua desgraça, nos paizes onde ha pena de morte.

PEÑA DE MORTE—Devia ser abolida, bem sei; mas devia ser Deus o primeiro a dar o exemplo.

PIANO.—Instrumento que as meloas abandonam desde que sabem tocar. Mais vale tarde que nunca.

PLAGIARIO—Um sujeito que se encontrou com outro... numa estrada.

QUEIXAS—Coisa util para si e aborrecida para os outros.

REVOLUCIONARIOS—Deixem estar, deixem estar!... bñ de ser todos ministros!

RUGAS—As cicatrizes da vida.

CIENCIA—Um vinho excepcional: quanto mais se mexe mais claro fica.

TAGARELA—O intimoço forçado da tagarelaria.

TRATADO DE PAZ—O tempo preciso para inventar novas armas.

VINHO—O paé da verdade, dizem.

Com que é que se embriagam os homens?

Instrução primaria

Por iniciativa do inspetor do circulo escolar de Faro, sr. Francisco Portela da Silva, os regentes das escolas centraes da cidade levaram a conselho, sendo aprovada por unanimidade, a proposta de adocção escolar duma caderneta onde seja marcado o aproveitamento literario e moral dos alunos matriculados nas referidas escolas. E' muito louvavel e de grande alcance esta medida, que leva aos paes, tutores ou protutores dos alunos primarios o completo conhecimento da educação litteraria dos educandos.

Para a regencia interina do 2.º logar da escola masculina de S. Braz de Alportel foi nomeado pela camara municipal de Faro, em sua sessão de 23 do corrente, o sr. Antonio Gonçalves São Braz Junior, diplomado para o magisterio com a classificação de 20 valores. O provimento effetivo desse logar só poderá ter effeito quando a mencionada escola se instalar em edificio apropriado. E' de toda o conveniencia, pois, que as estações competentes resolvam o mais breve possivel a cedencia do paço episcopal, sito naquella povoação, que sabemos ter sido pedido para este fim já bastantes vezes, e onde ficam condignamente instaladas as escolas officias da importante localidade de S. Braz de Alportel.

A VIDA

Cruz pesada que nem todos sentem. Esperança futura, apoz a fatalidade. Trilho de ambições desmedidas. Sonho perdido na velhice.

Quantas viimas não provocas durante a tua presença? Quantas lagrimas não caem pela tua perda? Quão numerosas ingratiões se não comieem no teu tempo? Que infelicidade não das ao lar quando desapareces? Que riquezas não absorves com a tua fuga?

Quem seria mais rica no mundo do que tu se não fosses voluvel?

Oh, sim, és muito ingrata: a ti tudo é todos se agarram talqualmente o molusco á rocha, e tu, sempre bella e sonhadora, desde a infancia até á decrepitude, foges dos que te amam, foges dos que te veneram, foges até dos que por ti, em sonhos innocentes, espalham mimosas florinhas a quem roubas também o amparo, e no entanto és imensamente feliz, porque, não obstante a tua ingratição, todos te afagam e beijam com verdadeiro amor e esperança.

Faro, outubro de 1913.

Honorato Santos.

Estatística interessante

Qual é a proporção dos casamentos, nos diversos periodos da vida? As nossas asserções são fundadas em medias anues durante o espaço de dez annos.

Na França, por cada cem homens casados ha apenas dois que se tenham casado de dezoito a vinte annos; e em cem mulheres, apenas vinte casadas de quinze a vinte annos.

A idade em que geralmente se casam os homens regula de vinte a trinta e cinco annos e especialmente de vinte e cinco a trinta; e as mulheres de vinte a trinta annos, mas especialmente de vinte a vinte e cinco.

De cada cem homens casados, 24 ca-



FABRICA PROGRESSO FARENSE DE LADRILHOS MOSAICOS

OS MAIS RESISTENTES, ECONOMICOS E EMBELEZADORES

FABRICO ESPECIAL EM DESENHOS E FEITOS MODERNO

Deposito de cimentos nacionais e estrangeiros—Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

F. J. PINTO JUNIOR E COMP. A FARO

Ninguém mande vir de fora nem compre noutras casas, sem primeiro visitar esta fabrica

LOTERIA

DA

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

1.º premio 240:000\$00

2.º premio 30:000\$00

Extração a 24 de dezembro de 1913

Bilhetes a 100\$00

Quadragesimos a 2\$50

A Tesouraria da Misericórdia encarrega-se de remeter todos os pedidos de bilhetes ou de suas frações para a provincia quando acompanhadas da respectiva importancia e mais 7 centavos e meio para o porte e registro do correio.

O nome e residencia em caracteres bem legiveis.

As importancias a remeter ao Tesoureiro da Misericórdia podem ser em notas, vales, cheques, ordens postais ou valores de facil cobrança, de maneira segura a evitar extravios.

Aos compradores de 5 ou mais bilhetes inteiros aboca-se a comissão de 3 por cento. Remetem-se listas a todos os compradores.

LISBOA, 10 de Outubro de 1913.

O TESOUREIRO,

L. A. de Avelar Teles

DIA HISTORICO

Outubro

30—1000A. C.—Dedicção do templo por S. Iomão.—
1516—Chegam os portugueses áls portas de Marrecos onde em estegado cavaleiro foi cravar uma laço.—1824—Assassinio de Tristão Azaripa.—1833—Nasce Manoel Leão Gambela, em Cachors, capital do departamento meridional de Lol.—1838—Nasce D. Luiz I, rei de Portugal.—1870—O povo de Paris, sitiado, elego um governo em substituição do presidente por Trochu, nomeando ministros a Dorio, Florens, Blanqui, Delacruze, Piss, Auriol, Ledru-Rollin, Milier, Ravier e Rochefort.—1836—Revolução da Strasbourg.—1910—O visconde da Ribeira Brava pede ao poder judicial a captura do governo franquista.
31—1345—Nasce em Coimbra D. Fernando I, o Formoso.—1391—Nasce em Vizeu D. Duarte, o Eloquent.—1459—Viteria em Africa.—1375—Grandes inundações em Lisboa.—1771—Houve um ovo incendio na parochia de Lisboa. Estava então instalada no mosteiro de S. Bento, hoje palacio do parlamento.—1793—Decapitação dos Girondinos.—1887—Inauguração das obras do porto de Lisboa.—1886—Foi inaugurada em Lisboa a escola industrial Margre de Pombal.—1908—O Mundo anuncia a prisão, por seis meses, no forte da Garça, em Elvas, do futuro varador do municipio da capital, Tomaz Cabreira.—1910—Regressa a Portugal o sr. dr. Magalhães Lima, ilustre propagandista da Republica Portuguesa no estrangeiro.—A questão do municipio do Porto atinge fóros do gravidade. O governador civil demite-se e eleeuam-se 200 pridos.

Novembro

1112—Morre no cerco de Astorga, o conde D. Theorico.—1525—Cristóvão Jacques descobre a Bahia.—1661—Morre com 80 anos de idade sor Maria de Mesquita Pimentel, leira do convento de S. Bento, de Evora, que imprimia o livro a Memorial da infancia de Cristo.—1735—Espetoso terramoto que destruiu Lisboa maledo 30.000 pessoas, e que se fez sentir em todo o plaqueta, como prova Lyel.—1858—Inauguram-se as obras para a abertura do Istmo de Suez.—1871—Orense organisa uma legião de voluntarios hespanhos, que ás ordens de Garibaldi, defende a Republica francesa.—1431—Morte do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.—(?)—1910—São pronunciados os ministros da ditadura franquista, drs. Teixeira de Abreu e Malheiro Reynd.—1911—O comandante militar de Bragança, acusado de inercia, falta de iniciativa e má orientação nas disposições tomadas contra a incursão dos conspiradores naquelle distrito, e condemnado a 15 dias de prisão correccional.

CARTEIRA

Fazem anos:

Ananias, domingo—D. Eugénia Torres, Figueira, D. Maria Antonia Valadarez Maria, D. Carlota Amélia Pires, D. Laura Martins Fernandes, D. Berta Reis, João Francisco de Matos, Alexandre Balista Sales, Deodato Moreno Ribeiro, Antonio Carlos Leal e Eduardo de Sousa e Silva.
Segunda 3—D. Maria Amélia de Azevedo, D. Antonia Moreira Pratas, D. Maria José de Azevedo Coutinho, D. Irene Ayala, D. Zulmira de Mendonça Pereira, Bernardino Pessanha, João José da Silva Pinho, Francisco Malgouyres, a meoia Clotilde Vaz Varela e o meoio João Mascarenhas Nobre.
Torna, 4—D. Maria Eugénia Montes, D. Clariete do Melo e Silva, D. Bebiaca de Sousa Alves, D. Adelaide Maria Pereira, D. Augusta Carlota Pires, Fausto da Conceição Ramos, Tomaz Alves Balista, Eduardo Nicolau Piolo e João Carlos Simplicio.
Quarta 5—D. Aurora da Encarnação Ferreira, D. Eugénia Evaristo Silva, D. Maria Luiza do Mascarenhas, D. Sabina de Oliveira Dias, D. Eduardo da Piedade Matos, Francisco Pedro Moreira, João Antonio Pule, Alvaro de Sousa Henriques, José Francisco Policarpo e o meoio Francisco Antonio Pereira.
Casamentos:
Pelo sr. Pedro Antonio Monteiro de Barros, industrial nella cidade, foi pedida para seu filho, sr. Pedro Auer Monteiro de Barros, a moça sr. D. Alda Cabral dos Anjos David, filha da sr. D. Maria Brígida Cabral dos Anjos Silva e do sr. David José da Silva, já falecido.
Realizou-se em Lagoa o casamento do nosso amigo, sr. Lazaro Pereira, de Oliveira com a sr. D. Justina da Silva Vazeres.
Testemunharam o ato os srs. Carlos Judice e sua esposa o capitão sr. Floriano José e D. Francisca da Silva Prazeres, irmã da noiva.
Os noivos, a quem desejamos muitas felicidades, partiram para a Lisboa onde fixam residencia.
Doentes:
Tem estado doente o nosso presado amigo sr. dr. Feliciano Santos, digno administrador do concelho de Faro.
Necrologia:
Faleceu em Lagoa o sr. José Antonio Machado, oficial de diligencias da administração do concelho.
Contava 94. anos.
A familia enlutada se pessoas pezaes.



FORÇAS PARA AS CRIANÇAS.

Se uma criança não come bem, se diminui no peso, se dorme mal, se lhe falta a alegria e a vitalidade, ou se não se desenvolve devidamente, mostra que necessita urgentemente da Emulsão de Scott, que promove a formação dos ossos, tecidos e musculos, enriquece o sangue, fornece materiais para o crescimento e o desenvolvimento, e dá em resultado melhor saúde e mais animo. A anemia, o linfatismo, a escrofula, a raquitis, os desarranjos que acompanham

a dentição e muitas outras doenças infantis, nenhum recesso inspiram a mãe cujos filhos foram alimentados, fortalecidos e robustecidos pela Emulsão de Scott.

A PROVA:

"Meu filho sofria duma grande anemia e era tambem muito raquitico. Tomou diferentes medicamentos, mas sem resultado. Por ultimo, e por conselho duma minha amiga, dei-lhe a Emulsão de SCOTT, e em pouco tempo meu filho ficou completamente curado. Hoje tem umas lindas cores, anda com desembaraço e come com appetite." Margarida de Souza e Silva, Rua Barão de S. Cosme, 47, Porto, 10 de Março de 1913.

Emulsão de SCOTT



Vede o peixeiro com o grande peixe, no pacote, sinal da pureza, boa qualidade e força do preparado SCOTT. Recomendado por todos os medicos para uso tanto das crianças como dos adultos.

Todas as Farmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT.
Representante:
A. Y. SMART, Rua da Fabrica 27, Porto.

FARMACIA HIGIENE DE FARO

Diretor tecnico—JOSÉ GONÇALVES BANDEIRA

RUA IVENS 22—RUA TENENTE VALADIM 17

ESPECIALIDADES RECOMENDAVEIS

(Exigir sempre o nome do preparador JOSÉ G. BANDEIRA)

CONTRECZEMA

Empregado com successo em:

ECZEMAS-PSORIASIS

HERPES-DERMATOSES

POMADA RESOLUTIVA

Doenças em que o seu uso dá optimos resultados:

Plegmatia alba dolens, linfagite, furunculose, reumatismo, entorses etc., etc. Portanto em todas as doenças inflamatórias e dolorosas deve sempre empregar-se

Esta farmacia acha-se tambem habilitada a fornecer de pronto qualquer medicamento; preparado ou penso assetisado, para o que se encontra fornecido com todos os aparelhos modernos necessarios para as manipulações de assepsia.

ELIAS D'A. SABATH

—COM—

Estabelecimento de drogas, ferragens, tintas, vidraça e outros artigos a

PREÇOS EXTREMAMENTE CONVINDATIVOS

como o proprio freguez poderá verificar.

Ninguém compre sem primeiro visitar este estabelecimento.

RUA D. FRANCISCO GOMES, 18 a 22

PORTAS ENCARNADAS

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros—CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo—Seguros maritimos—Seguros de cristais—Seguros contra roubos—Seguros postaes—Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODA O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Representante em Faro, MANUEL FRANCISCO COSTA

VIDEIRAS AMERICANAS

Enxertos, barbados e estacas. Arvores de fruto, oliveiras e eucaliptos. Qualidades garantidas para todos os terrenos. Pedir catalogos a MANUEL JOAQUIM DOS SANTOS, Rua Saraiva de Carvalho 232-3.º D.º.—LISBOA

ANUNCIO

Izidro Martins Caiado dá explicações do curso geral dos liceus por preços modicos. Tambem dá explicações de escripturação commercial e faz traduções de francès e inglês.

Dirigir ao mesmo em Faro.

SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL

São convidados a reunir amanhã, domingo, dia 2 de novembro, pelas 13 horas, na sala das sessões da camara municipal, cedida patrioticamente para esse fim, os socios desta benemerita sociedade no concelho de Faro, e mais publico interessado, afim de ser inaugurada a sua Delegação nesta cidade.

Representará a referida sociedade nessa reunião o seu ilustre diretor-vice-secretario, sr. Jayme de Padua Franco, que expressamente veio a esta cidade para esse efeito.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Faro, cartorio do quarto officio e inventario orfanologico por obito

O escriptão do 4.º officio

Francisco José Bernardino de Brito

Verefiquei:

O Juiz de Direito,

Dias Ferreira.

O NOSSO NOTICIARIO

Acompanhado de sua esposa e de seu filhinho, parte buje para Lisboa o nosso amigo sr. Ernesto Xavier de Magalhães, fiscal dos impostos e um dos mais distintos e graciosos colaboradores do nosso presado colega Os Ridiculos, da Lisboa.

Esteve ante-hontem nesta cidade o sr. dr. Diogo Leote, ex-ministro da justiça a dentro da Republica. Sua ex.ª partiu para Albufeira.

O nosso amigo sr. Luiz Lima Guimarães trespassou ao tambem nosso amigo sr. Inacin de Sousa Branco a leitaria de que era proprietario, sita na praça D. Francisco Gomes, desta cidade.

Regressou a Faro o nosso presado amigo sr. dr. José Vicente Madeira, distinto advogado nos auditorios desta comarca.

Dizem-nos que o sr. ministro do interior ordenou uma sindicancia ao liceu de Faro.

Requeru ingresso no regimento de infantaria 4.º e musico de 2.ª classe Antonio Viegas Pires da Graça.

Foram creadas escolas primarias moveis nas sedes dos concelhos de Olhão e Lagoa e em S. Braz de Alportel, Peral.

Foi louvado em portaria o sr. João Nascimento Oliva, que ofereceu ás escolas primarias de Alcantarilha, concelho de Silves, mobiliario na importancia de 118\$00.

O pessoal menor do ministerio da instrução representou ao respectivo secretario, pedindo que os seus vencimentos sejam equiparados aos do pessoal menor do ministerio das colonias.

A viuva e berdeiros do falecido visconde de Alvor, José Joaquim Serpa, de Portimão, foram citados para pagar 500 escudos de direitos de mercê em divida á fazenda publica, pelo uso daquelle titulo, com que o referido Serpa fora agraciado por despacho de um de agosto de 1898.

Deu á costa na praia da Rocha o cadaver do maritimo José Faria, que ha dias se atngu por se voltar uma barca de que era tripulante.

Faleceu em Portimão, em consequencia de ter sido atropelada por um automovel que lhe fenden o cracao; a menor de 9 anos Maria José, filha de Bartolomeu do Nascimento e de Izabel do Rosario.

O cadaver foi autopsiado sendo participado o caso em juizo.

O automovel era guiado pelo maritimo Diniz.

FABRICA INDUSTRIAL L. DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

MANOEL CARVALHO

RUA DOGALVO D. RODRIGUES, 100

— FARO —

Construção de peças Artificiais—Vendem-se materiais para as mesmas

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se chariolas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condicoes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

A ROUPA QUE VESTE A
HUMANIDADE
FOI COSIDA COM A
MACHINA
SINGERA SUPREMACIA DA
MACHINA SINGER

Um século de utilidade e superioridade depois que nasceu

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER

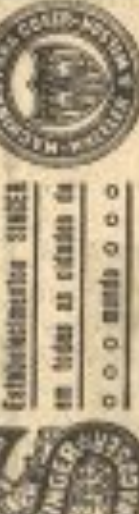
em todo o mundo e vendidas em todos os paizes

A ÚLTIMA CRIAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER

SINGER "66"

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CON-
TANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE
CINCOENTA ANOS PARA MELHO-
RAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO
LHES QUANTOS PERFEIÇAMENTOS POSSAM

— SER DE UTILIDADE PRÁTICA —



RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

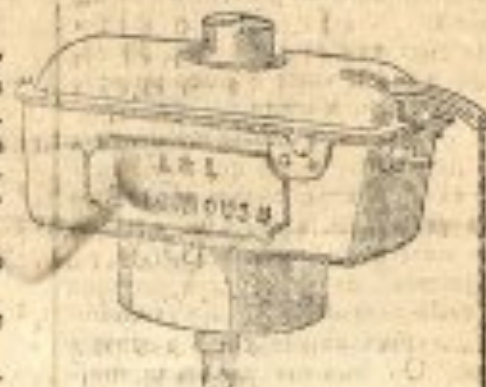
CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

— FARO —



Especialidade em esquentadores para banho em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. En-
cargam-se da montagem dos mesmos em qualquer
terra da provincia.Especialidade em bombas de todas as qualidades
as quizes se vendem pelos preços das fabricas.Instalações completas para agua, em tubo de
chumbo ou de ferro.Especialidade em autoclismos inglezes em fer-
ro fundido, sem valvula, de esteio seguro.Especialidade em ferros de soldar a gasolina, sistema alemão, o melhor e de
maior resistencia até hoje conhecido.Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zin-
cado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras; latão e cobre
em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 — FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todos as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

GRANDE SORTIMENTO EM BILHETES POSTAES

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras.—Descontos aos revende-
dores e estudantes.—Encadernações a preços resumidos.Agente das principais casas de Lisboa. Não comprem nem vendam livros novos ou usa-
dos sem primeiro visitarem a Livraria das novidades—FARO.

Recebem-se pedidos acompanhados da respectiva importancia.

DR. RIBRIBO NOBREX

ENSINO TEORICO E PRATICO

Tratado de quimica Elemental (7.ª Edição). Um volume de 400
páginas no formato 32x5x5 cm com 32 gravuras. PREÇO—12500 réisOutra obra de quimica elemental e de quimica organica, com 100 gravuras, PREÇO—12500 réis. Um volume de 400
páginas no formato 32x5x5 cm com 32 gravuras. PREÇO—12500 réis.Lição de Física do curso geral dos liceus e escolas normais (1.ª Edição). Um volume de 300
páginas no formato 32x5x5 cm com 40 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 300 páginas no formato 32x5x5 cm com 40 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Tratado de Física Elemental (8.ª Edição). Um volume de 14
páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

Um volume de 14 páginas no formato 32x5x5 cm com 75 gravuras. PREÇO—12500 réis.

TABELA DA EMPREZA FUNERARIA FARENSE

— DE —

FRANCISCO VICENTE FERNANDES

SUCESSOR DE FERNANDES & FERNANDES

— FARO —

Previne o publico que se encontra habilitado e em melhores condições do que a firma antecedente a ser-
vir todas as familias enlutadas que se queiram dirigir a esta agencia ou representantes, como em Olhão, An-
tonio dos Santos; em Santa Barbara de Nexe, Antonio Murta; em Estoi, Cristovão de Sousa Barros; em Loulé,
José Martins; em S. Braz de Alportel, Domingos Dias Neto; em Tavira, Domingos José Soares; em Vila Real
de Santo Antonio, Francisco Néné; em Silves, Vicente do Carmo; e em Albufeira, Antonio Marrachinho.

FUNERAES COMPLETOS		LOCALIDADES E PREÇOS		TABELA DE CARROS FUNERARIOS				
N.º 1—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		FARO		Designação das localidades (de 1.ª a 3.ª)	Carro funebre de 1.ª a 3.ª	Berlinda funebre de 1.ª a 3.ª	Carro fune- rio de 1.ª a 3.ª	Carro fune- rio de 1.ª a 3.ª
N.º 2—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		OLHÃO, SANTA BARBARA + ESTOI... LOULÉ, S. BRAZ + FUZETA... ALBUFEIRA... TAVIRA... SILVES + VILA REAL...	35000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis	FARO + arredores...	25000 25000	25000	100000	100000
N.º 3—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		OLHÃO, SANTA BARBARA + ESTOI... LOULÉ, S. BRAZ + FUZETA... ALBUFEIRA... TAVIRA... SILVES + VILA REAL...	70000 réis 70000 réis 70000 réis 70000 réis 70000 réis	OLHÃO, ESTOI, SANTA BARBARA, ALBUFEIRA + PÉCHIO...	40000	100000	100000	200000
N.º 4—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		OLHÃO, SANTA BARBARA + ESTOI... LOULÉ, S. BRAZ + FUZETA... ALBUFEIRA... TAVIRA... SILVES + VILA REAL...	100000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis	S. BRAZ, LOULÉ, MONCARAPACHO + FUZETA...	50000	100000	100000	200000
N.º 5—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		OLHÃO, SANTA BARBARA + ESTOI... LOULÉ, S. BRAZ + FUZETA... ALBUFEIRA... TAVIRA... SILVES + VILA REAL...	100000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis	ALBUFEIRA, BOLDQUINE + TA- VIRA...		100000	100000	200000
N.º 6—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		OLHÃO, SANTA BARBARA + ESTOI... LOULÉ, S. BRAZ + FUZETA... ALBUFEIRA... TAVIRA... SILVES + VILA REAL...	100000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis	FORTINHO, VILA REAL DE SAN- TO ANTONIO, CASTRO-MARIM, LAGOA, SILVES + PERA...		200000	200000	200000
N.º 7—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		OLHÃO, SANTA BARBARA + ESTOI... LOULÉ, S. BRAZ + FUZETA... ALBUFEIRA... TAVIRA... SILVES + VILA REAL...	100000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis 100000 réis	LAGOS + MONCHIQUE...		100000	100000	200000
N.º 8—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		FARO...	100000 réis					
N.º 9—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		FARO...	100000 réis					
N.º 10—Dea de março, com de chumbo, carro funebre de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, com de 1.ª a 3.ª classe (de 1.ª a 3.ª) para de 1.ª a 3.ª, com de despacho de 1.ª a 3.ª, com de para 1.ª a 3.ª, com de		FARO...	100000 réis					

Nos enterros grandes pôde haver um excesso em uma urna moldada ou em pedida de mais urna berlinda

PREÇOS FIXOS

ATENÇÃO: É conveniente em qualquer caso que se dê diregirem-se logo a esta agencia e não a
qualquer pessoa que veste os corpos para não encontrarem alterações de preços